



Cosmovisões no universo fictício de “Black Panther” e o Ensino de Geografia da África: Possíveis convergências

*Cosmovisions in the fictical universe of “Black Panther”
and the educacion of geography in África: Possible convergences*

Ayana Kissi Meira Medeiros¹

E.M.E.F. Prefeito José Carlos de Figueiredo Ferraz (Prefeitura de SP)

RESUMO

Este ensaio é uma tentativa de buscar relações acerca de uma cosmovisão relacionada a África e aos seus povos proporcionada por uma produção fílmica de grande escala, o filme “Black Panther”, utilizando como ponto de intersecção o Ensino de Geografia que tem potencialidades em produzir leituras de mundo diversas. É importante, neste sentido, investigar o imaginário acerca da África e de seus povos e a Geografia da África, isto é, compreender o que essa ciência tem produzido e de que forma o conhecimento, acerca deste continente-mãe, nos últimos anos. É no caminho desta temática que o filme “Black Panther” se destaca como um universo de possibilidades em afetar o pensamento de várias pessoas do mundo acerca da África e de seus povos. A Geografia, nessa perspectiva de proporcionar leitura de mundo e de também ajudar a construir um futuro diferente tem o compromisso de produzir uma teoria acerca destes fenômenos. Tendo em vista a marginalização dos temas étnico raciais na Geografia busca-se, na decolonialidade, possibilidades de ir além da modernidade eurocêntrica, dialogando com modos éticos e estéticos diversos.

Palavras Chave: Cosmovisão. Black Panther. Ensino de Geografia. Decolonialidade

ABSTRACT

This essay is an attempt to search for relations about a worldview related to Africa and its peoples provided by a large-scale film production, the film “Black Panther”, using Geography Teaching as a point of intersection that has the potential to produce readings diverse world. It is important, in this sense, to investigate the imaginary about Africa and its peoples and the Geography of Africa, that is, to understand what this science has produced and how knowledge about this mother continent in recent years. And it is along this theme that the film “Black Panther” stands out as a universe of possibilities to affect the thinking of several people in the world about Africa and its peoples. Geography, in this perspective of providing reading of the world and also helping to build a different future, is committed to producing a theory about these phenomena. In view of the marginalization of ethnic-racial themes in Geography, in decoloniality, possibilities are sought to go beyond Eurocentric modernity, dialoguing with different ethical and aesthetic modes.

Keywords: Cosmovision. Black Panther. Geography teaching. Decoloniality.

¹ Graduada em Licenciatura em Geografia pela Universidade Estadual Júlio de Mesquita Filho (UNESP / Rio Claro). Participa do Núcleo de Pesquisadores Negros da Geografia da Universidade do Estado de São Paulo - USP (NEPEN). Professora do Ensino Fundamental II e Médio, Componente Curricular: Geografia. <https://orcid.org/0000-0002-8050-7009>. E-mail: ayana.medeiros@gmail.com. Endereço: E.M.E.F. Prefeito José Carlos de Figueiredo Ferraz (Prefeitura de SP). Rua Alexander Bahin. Cep: 03690-060.



Introdução

Devido as inquietações a respeito do impacto em que megas produções cinematográficas têm causado por abordar a temática racial, o presente trabalho busca contextualizar o filme *Black Panther* ao debate científico em torno da Geografia, e também fazer ligações com o Ensino de Geografia, o qual possuo maior contato devido a relação profissional. O maior desafio neste trabalho será o esforço em trazer os elementos do universo cinematográfico de um filme de super-herói, portanto, da categoria de ficção, ao debate científico em torno da Geografia, ciência que tem muito a crescer no debate racial. Como os desenhos curvos de uma trança nagô, a Geografia se desenvolve em meio a teorias eugenistas, deterministas, de cunho racista, todavia, hoje, muitos geógrafos / as, advindos/as do momento histórico das políticas afirmativas, assim como eu, buscam outros caminhos na ciência, motivados a abranger o conhecimento de outras partes do mundo à epistemologia geográfica.

Formada em um período de popularização do acesso as universidades, atuei em prol tanto das políticas de acesso, como também de permanência estudantil destinadas aos estudantes vulneráveis socioeconomicamente. Na graduação, tive a oportunidade de participar de momentos de luta pelas cotas raciais no ano de 2016, a partir destas vivências, pude refletir a importância de se ser e estar na universidade para contribuir com a sociedade que financiou-me porém, em meio a um ambiente em que meu corpo é percebido e refletido através dos diversos imaginários reproduzidos a respeito do negro brasileiro.

O campo pedagógico começou a ter destaque em meu processo de formação desde o meu segundo ano de graduação (2013), período em que fui bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – PIBID, até o final da graduação (2016). O programa foi um incentivo para acreditar no campo pedagógico como transformador da realidade ao possibilitar diversas formas de pensar o ensino de Geografia e de intervir nas escolas e na sociedade.

Sentia a necessidade de (trans) forma (ação) pois, estar e ser uma das poucas mulheres negras em um espaço elitizado e embranquecido onde a presença negra era ínfima, conseqüentemente me levou a necessidade de mudar esta realidade no espaço geográfico que se constitui como um “conjunto indissociável solidário e contraditório de sistemas de objetos



e de ações” (SANTOS, 1996b), ou seja, estar no espaço geográfico me leva a necessidade de criar formas de promover e lutar para que que mais pessoas negras se façam presentes nas universidades, principalmente como docentes e também, em ser uma pesquisadora que no âmbito das ideias possa colaborar para o crescimento de epistemologias includentes, para isso, contra coloniais. A questão de não haver disciplinas que discutissem diretamente as relações étnico raciais pautando o processo de formação do território brasileiro de forma que incluísse as contribuições do corpo negro, indígena entre tantos outros agentes espaciais para o pensamento acerca da formação socioespacial brasileira, foram lacunas que permearam a minha graduação.

O contato com leituras, somado à realização de um curso de extensão pela Unicamp, “História da África e História dos Índios em sala de aula”, acerca das relações étnico raciais na educação despertou o interesse em querer investigar o quanto a epistemologia subjugou, quando mesmo ignorou a História dos africanos e dos povos indígenas. É importante investigar o que o conhecimento epistemológico tem a nos trazer referente ao processo de formação do povo brasileiro, quais as contradições podemos encontrar ao estudar os currículos, os livros, as teses e os debates públicos acerca deste tema. E como podemos convergir e divergir estas informações para compreendermos que a epistemologia com seus ideais colonizadores construiu o pensamento referente ao modo de convivência dos povos que formaram a nação brasileira e o quanto este pensamento influenciou nas relações étnico raciais na escola e consequentemente na sociedade brasileira.

As contribuições de Cirqueira (2015) ao debate da racialidade no pensamento geográfico serão imprescindíveis para ratificar o problema da marginalidade deste tema na Geografia. Santos (2011) traz à tona a relação da Geografia com o conceito de raça, fundamentando este conceito como uma questão social e não biológica. Anjos (2014) elucida a geopolítica da diáspora África-América-Brasil e a configuração atual da população afro-brasileira contemporânea, do ramo da cartografia, o que auxiliará teoricamente e graficamente como foi formado o território brasileiro, dando a merecida visibilidade aos ancestrais africanos.



Neste início buscar-se-á enfatizar as subjugações e inferioridades sobrepostas ao conhecimento dos povos africanos. Para embasar o epistemicídio acerca da razão negra Mbembe (2014) é referência neste sentido.

O comunicador Marcus Mosiah Garvey questionava em suas palestras “onde está o governo do homem negro?”, a figura de um rei e de todo o imaginário relativo a esta metáfora é discutido em algumas reflexões da escritora Grada Kilomba (2019) que discute também a representatividade de negros e não-negros nos diversos espaços da sociedade. A respeito do protagonismo das mulheres em *Black Panther* e na realidade, temos Chimamanda Ngozi que, em suas diversas obras e aparições em meios de comunicação, exprime as problemáticas que envolvem as mulheres, neste sentido, o exército das *Dora Milajes* representa o que a escritora diz ser necessário para que as mulheres sejam vistas em condições de igualdade “Se repetimos uma coisa várias vezes, ela se torna normal. Se vemos uma coisa com frequência, ela se torna normal.” Isto ajudará a debater a luta das mulheres não necessariamente dentro do movimento feminista, mas, como uma condição de serem estas sujeitas de sua própria história.

Killmonger considerado o vilão do filme, é um personagem polêmico pois, ele exemplifica o sujeito africano, que tem sua identidade relativamente preservada, porém, está em diáspora, o que o torna um sujeito complexo com relação aos demais personagens. A respeito desta questão diaspórica e de identidade, temos a própria Chimamanda Ngozi (2011), Hall (2003), entre outros que poderão auxiliar a compreender estes movimentos do personagem que o tornaram um dos melhores vilões da história dos filmes de super-heróis. Além da personalidade de *Killmonger*, suas ações políticas, visavam tornar *Wakanda* um poderoso Estado-nação de caráter imperialista, o que remete à Geopolítica. A respeito dessa área da Geografia, alguns atores podem contribuir para refletirmos o próprio imperialismo que é efetivado sobre alguns territórios, como David Harvey, Ives Lacoste, Mbembe, Fanon, entre outros. Com isto podemos relacionar o fato de *Killmonger* ser reconhecido por muitas pessoas do movimento negro como um herói.

Por último, temos o personagem *Zuri*, líder espiritual de *Wakanda*, suas ações remetem ao culto ancestral pertinentes aos povos iorubas e nagôs - encontrados na parte ocidental e central do continente africano -, povos que possuem uma outra forma de



organização socioespacial, basicamente se diferenciando da hierarquia encontrada nas demais sociedades pós-coloniais.

Ao abordar o ensino de Geografia, o referencial teórico apresentado por Munanga (2005 e 2015) merece destaque na tentativa de conscientizar professores a superar o racismo na escola e a motivar o ensino de história dos africanos pré e pós diáspora. Referente ao papel dos professores quanto à diversidade étnica da escola e ao enfrentamento de discursos colonizadores, Gomes (2005) demonstra o quanto é contraditório a escola e os professores negarem que a educação tem que discutir sobre as relações étnico-raciais, deixando apenas que esta responsabilidade caiba aos movimentos, políticos, sociólogos e antropólogos. Santos (2011) apresenta o quanto a Geografia tem a oferecer a construção de uma educação para a igualdade racial.

Esses e outros autores que concentraram as suas produções a promover a igualdade racial inspiraram a pesquisa e indicam um pouco de como será feita a compreensão crítica sobre os problemas.

Desse modo, anseio que meu trabalho possa ser lido e compreendido por pessoas de diversas escalas que constituem e se localizam no espaço geográfico, em especial, meus alunos, minha família, meus professores e demais companheiros de área.

1. Racialidade na Geografia

No Brasil e no mundo tem-se observado a ocupação de pretos/as advindos de diversos países africanos em muitos lugares hegemônicos, como nas universidades, e em lugares onde nunca antes haviam sido representados em alto nível, como é o caso do que temos observado no cinema mundial. Milton Santos (2004) irá chamar estes espaços de “circuito superior da economia”. Por outro lado, vemos também africanos constituindo espaços no centro cinza da cidade com suas mercadorias multicoloridas trazidas de seus países de origem, o que Milton Santos denominará de “circuito inferior da economia”. De qualquer forma, este intercâmbio



cultural, a que chamo de *capulanas geográficas*² têm modificado a forma de ver o mundo. Neste trabalho não será investigado os deslocamentos espaciais – imigrações - e seus impactos, outrossim, relacionar-se-á a presença desses, como referência e representatividade, ao debate contemporâneo, já que “o espaço geográfico constitui uma categoria filosófica” (SANTOS, 1988) e isto envolve as modificações na paisagem e os paradigmas da formação sócio espacial.

Fazendo uma analogia ao raciocínio de Milton Santos (1986) reconhece-se a racialidade como uma marca espacial que possui funções e formas inserida no espaço-tempo, em que os processos do passado e do presente acarretam na evidenciação deste fenômeno, que não é novo, mas que ressurgiu de um apagamento histórico-geográfico, o que Santos chama de forças atuantes. Logo, raça é uma categoria social que portanto, perpassa os ideais biologizantes, indicando uma forma de ler o mundo através de um olhar crítico, delicado e que vai de contra as invisibilizações e objetividades postas a esses corpos. Sobretudo, é necessário posicionamento político pois as objetividades neutras marcam a exclusão e a Geografia é uma ciência de totalidade, isto é, ao invisibilizar agentes sociais, suas subjetividades, bem como suas inscrições na racialidade é não fazer Geografia.

De acordo com Marçal (2015), o pensamento geográfico nunca deixou de lado as questões relativas à racialidade, contudo, deixou-as de forma implícita ou invisibilizada, logo, geógrafos têm buscando como referência para as suas argumentações, autores da antropologia, história e sociologia (JACKSON, 1987). É neste sentido que o presente trabalho visa combater.

Quando nos referimos à África, também nos referimos ao nosso país. Para buscar a compreensão de que o continente foi praticamente todo colonizado, o que resultou em muitas consequências a diversas partes do mundo, não só a África, visto que o movimento de diáspora é constante, o Brasil também é diretamente afetado, e é deste lócus a que a pesquisa se destina em investigar. Neste sentido, a educação, como cerne da construção inicial do pensamento, ferramenta importante para quebrar com *status quo* que está posto em relação ao

² Refiro-me ao espaço sociocultural, onde se combinam as diversidades identitárias, sejam elas asiáticas, europeias, africanas, norte-americanas, entre outras. A alusão às *capulanas* referem-se ao colorido dos tecidos africanos que vem a ilustrar esta questão.



povo negro e a própria condição de ensinar, tornam-se importantes elementos para o debate socioespacial.

E é no caminho desta temática que o filme *Black Panther* se destaca como um universo de possibilidades em afetar o pensamento de várias pessoas do mundo acerca da África e de seus povos. A Geografia, nessa perspectiva de proporcionar leitura de mundo e de também ajudar a construir um futuro diferente, tem o compromisso de produzir uma teoria acerca destes fenômenos.

O filme, que levou cerca de 1,7 milhão de pessoas aos cinemas, apesar de ser uma obra de ficção, retrata um mundo dentro da própria África, valorizando elementos socioespaciais do continente. Quando se assiste ao filme é perceptível que se está retratando a África, evidenciando os aspectos ritualísticos, culturais, de vestuário, de organizações tribais, linguísticos e de riquezas naturais do continente. Esta valorização que o filme proporciona à espacialidade africana, é muito importante para instigar o conhecimento sobre as diversas peculiaridades inerentes ao continente sejam históricas ou geográficas, contemporâneas ou mesmo futurísticas.

Além de estabelecer a importância em romper com a violência discursiva sobre a África e os africanos, a pesquisa constituirá um elo com a educação, numa investigação que tem por finalidade buscar os caminhos percorridos pelo ensino de Geografia na atualidade. Assim, corroborando com Pedro Demo a pesquisa não deve ser encarada apenas como busca de conhecimento, mas atitude política.

Pesquisa pode significar condição de consciência crítica e cabe como componente necessário de toda proposta emancipatória. Para não ser mero objeto de pressões alheias, é mister encarar a realidade com espírito crítico, tornando-a palco de possível construção social alternativa. (...) É preciso construir a necessidade de construir caminhos, não receitas que tendem a destruir o desafio da construção (DEMO, 1997a, p.10).

Deste modo, o trabalho visa promover reflexões acerca da contribuição do filme *Black Panther*, composto demasiadamente por um elenco de atores e atrizes negros/as, inclusive com o protagonismo de um super-herói negro, para dialogarmos com questões importantes como a representatividade, o epistemicídio acerca da razão negra, a necessidade de



descolonizar pensamentos acerca da África e dos africanos e o imaginário social gerado pelo filme.

2. Cosm visões, cosmopercepções e cosmosensações produzidas em escala Marvel

Uma das cosmopercepções obtidas através de conversas informais sobre o filme gira em torno de que de certa forma, o filme romantiza a realidade do continente-mãe. Atores e atrizes negros (as) de beleza padrão, riqueza de vestuário, poucos problemas relatados com relação a realidade social da população africana, entre outros comentários. De fato, nos parece que a direção de um filme de super-heróis não esteja tão preocupada com a realidade social de determinado continente ou país. A maioria dos filmes da Marvel faz uma alusão bem simbólica à realidade do cenário de fundo, destacando-se normalmente os cartões-postais de cada cidade. Essa preocupação com o cenário cinematográfico que privilegia grandes pontos turísticos sem produzir subjetividades, foge bastante da categoria paisagem, que vai muito mais além, pois contextualiza processos históricos e expressando o que Santos (1996b) chama - em uma de suas conceituações -, de “acumulação desigual de tempos” e, desejos coletivos, estando, para isso, em constante mudança.

A paisagem nada tem de fixo, de imóvel. Cada vez que a sociedade passa por um processo de mudança, a economia, as relações sociais e políticas também mudam, em ritmos e intensidades variados. A mesma coisa acontece em relação ao espaço e à paisagem que se transforma para se adaptar às novas necessidades da sociedade (SANTOS, 1997, p. 37).

É possível observar que a grande maioria de filmes de super-heróis os atores e atrizes também são selecionados de forma padronizada, com homens musculosos, mulheres magras, cabelos e roupas impecáveis. No entanto, o filme *Black Panther* marca o protagonismo negro numa das maiores produções cinematográficas mundial, seu legado foi o de levar um público grandioso de pessoas ao cinema, seu elenco composto majoritariamente por negros e negras marca uma representatividade nunca vista antes, ainda que de forma fictícia, o enredo do filme traz o simbolismo do poder, figurado por rei e rainha, colocando a negritude dentro de uma hierarquia.



Figura 1 - As Potencialidades físico-naturais: Cataratas da Vitória, fronteira entre a Zâmbia e o Zimbábue

Grada Kilomba (2019, p. 22) nos diz que o sentido da palavra rainha é uma metáfora interessante para designar poder pois traz a ideia de que “cada corpo pertence a espaços predeterminados: uma rainha pertence, naturalmente ao palácio (“do conhecimento”), diferente das plebeias, que são marcadas, fechadas e encarceradas com seus corpos subordinados”. Neste sentido, pensando que a imagem de negros e negras há muitos tempos está relacionada a notícias cotidianas ruins e pejorativas no cinema nacional, acabam colocando o negro em uma situação de ocupar um não-lugar na sociedade assim, tal metáfora nas mãos de não-negros nos meios de comunicação são frutíferas performances de poder, controle e intimidação, que muitas vezes levou negros e negras ao silêncio. Por isso, quando falamos em rainha e reis nos vem imagens de pessoas não-negras, como se estas tivessem ocupando um lugar que é propriamente delas.

Algumas personagens presentes no filme ajudam a pensar algumas questões específicas à Geografia como as estratégias geopolíticas de *Killmonger* que contribuíram para o mesmo ser considerado vilão, abrindo brechas para pensar os desafios geopolíticos do continente; a geomorfologia da África pela representação do território de *Wakanda*, possibilitando enxergar as belezas e potencialidades físico-naturais (figura 1 e 2) de um continente marcado pela presença de três importantes latitudes associadas a diversidade climática em África. Além disso, a espacialidade de *Wakanda* territorializa um protagonismo feminino (figura 3) do exército das *Dora Milaje* em inspiração as *Ahosi* (figura 4) que protegiam o reino de Daomé, expressando relação de igualdade entre gêneros, resgatando a identidade cultural (figura 5) de um dos povos que constituíram o continente. A cosmologia



africana (imagem 6), também presente no filme é marcada pela representação da personagem Zuri, um líder espiritual responsável por cuidar das subjetividades inerentes ao corpo humano.

Deste modo, busca-se evidenciar através das pesquisas de campo, cosmovisões, cosmosensações e cosmopercepções geradas em torno do filme. Como as pessoas negras compreenderam o filme? Quais as sensações obtidas com este filme? Quais as intencionalidades foram percebidas por trás desta megaprodução? O que um filme sobre África significou para nós, sujeitos afro-diaspóricos ou não?

Retrabalhar a África na trama caribenha tem sido o elemento mais poderoso e subversivo de nossa política cultural no século XX (...) Em cada conjuntura – seja no garveyismo, Hibbert, rastafarianismo ou a nova cultura popular urbana – tem sido uma questão de interpretar a “África”, reler a “África”, do que a “África” poderia significar para nós hoje, depois da diáspora (HALL, 2003, p.40).



Figura 2 - Cena do filme “Black Panther” em um cenário que faz alusão as Cataratas da Vitória (Zimbábue)



Figura 3 - Protagonismo feminino: As Dora Milaje, exército fictício em inspiração as Ahosi, mulheres guerreiras do Daomé

3. Decolonialidade em *Black Panther*

Para enxergarmos importância no filme em produzir outras formas possíveis de se pensar África, é necessário recorrer ao passado no sentido de perceber o quanto a dominação colonial interferiu nos modos de vida e moldou a historiografia afim de estabelecer a primazia imperialista europeia sobre o mundo, trazendo inúmeras consequências aos povos colonizados. Com o pretexto de civilizar os africanos, os europeus impuseram sua cultura, inferiorizando e subjugando os povos nativos. O período neocolonial foi marcado pela selvageria dos europeus sobre o território africano, no entanto, os africanos e os demais povos nativos ficaram estereotipados como os grandes selvagens da história, através do que chamamos de eurocentrismo epistemológico.



Figura 4 - Ahosi, guerreiras fons que formavam um dos regimentos militares do Reino do Daomé (atual Benim) até o final do século XIX



Figura 5 - Figurino inspirado nas comunidades tradicionais como Himba e Maasai



Figura 6 - Cosmologia africana: Zuri, líder espiritual de Wakanda

Essa primazia branca-europeia produziu um fenômeno global que reflete nos dias de hoje, o fenômeno da branquitude. Para embasar, podemos observar que em todos os espaços de poder o corpo branco se faz presente, na política são a grande maioria, na mídia também e, apesar dos negros serem maioria nas universidades, apresentam participação ínfima entre o corpo docente, ou seja, entre as lideranças a presença negra é inferior, fato que empobrece os debates, as pesquisas, as políticas brasileiras. O país que há tempos vangloriou escritores e pensadores racistas, hoje tem vergonha deste passado, mas, ao mesmo tempo, não cria ações para superar o retrocesso, muito pelo contrário, insiste em dizer que o que passou não acontecerá jamais e fica por isso mesmo.

As políticas neoliberais em curso têm produzido cada vez mais a exclusão desse passado, anulando as possibilidades de ascensão e de participação dos grupos ditos minoritários, todavia, Achille Mbembe (2018) destaca que o “devir-negro no mundo” estendeu-se para além dos negros. Nas palavras do autor, “é esse momento em que a distinção entre humano, a coisa e a mercadoria tendem a se esvaír e se apagar, sem que ninguém – sejam negros ou brancos, mulheres ou homens – possam fugir disso”. Talvez este fator, onde a corporalidade negra se assenta, sobrevivendo as diversas tentativas violentas de apagamento, transbordando memórias que se traduzem em atos de resistência, é onde o neoliberalismo tenha se chocado o que nos dá esperança de frear a necropolítica e a necroeconomia que se apresenta na contemporaneidade.



Em “Ideias para adiar o fim do mundo” (2019), Krenak vê importância em viver a experiência da nossa própria circulação pelo mundo, poder contar mais histórias é adiar o fim do mundo. De fato, a humanidade está limitada aos padrões universais de sociedade que o mundo ocidental produz, buscar autoconhecimento, buscar dialogar como modos éticos e estéticos diversos é fundamental é cura e tem grandes implicações para transformar o *status quo*.

A respeito das implicações da colonialidade, muitos autores têm destacado críticas a cultura ocidental, Donna Haraway observa:

A História é uma estória que os entusiastas da cultura ocidental contam uns aos outros; a ciência é um texto contestável e um campo de poder; o conteúdo é a forma. A forma na ciência é retórica artefactual-social de fabricar o mundo através de objetos efetivos (HARAWAY, 1995, p.11).

Djamila Ribeiro, intelectual negra da Filosofia teve destaque ao trazer um conceito que se converteu em uma ferramenta de interrupção de vozes hegemônicas (MOMBAÇA, 2017), o lugar de fala. Percebendo que em seu próprio lugar social seus saberes são deslegitimados, Djamila destaca as produções acadêmicas de mulheres como Lélia Gonzalez, Patricia Hill Collins, entre outras, com o objetivo de evidenciar que as epistemologias negras não devem ficar limitadas a lugar de subalternidade (RIBEIRO, 2019). Este conceito, portanto, favorece possibilidades de emergência de vozes historicamente interrompidas, pois na prática o lugar de fala concede que determinado grupo social através de experiências vividas possam estar se posicionando com maior autoridade.

Jota Mombaça (2015) irá pensar a respeito dos ruídos proporcionados pelos subalternizados, como podem afetar as autoridades, o Estado e locais de poder.

Quem entre nós está livre do sentimento de que esse processo, conduzido ao extremo, está transformando o Estado moderno num gigante monopolizador da emissão de ruído, e ao mesmo tempo, num dispositivo de espionagem generalizada? Espionagem do quê? A fim de silenciar quem? (MOMBAÇA, 2015, p.584).

Suas indagações conduzem a respostas ainda não mencionadas aqui. As invisibilidades da modernidade relacionadas a produção do conhecimento não ocidental são e sempre foram



ameaças ao mundo ocidental. Sabemos que um crânio de um orangotango foi forjado na Europa em 1912 para que se comprovasse o surgimento da espécie humana naquele continente, o que comprova o quanto a ciência estava engajada em atestar sua superioridade no mundo. De modo forçado foram feitas inúmeras ações para que a cultura ocidental detivesse o poder global.

Entre as ações mais forçadas estão os genocídios/epistemicídios que os europeus estiveram à frente a fim de imporem de forma violenta sua universalidade. Grosfoguel (2016) estabelece quatro genocídios para pensar na estrutura do conhecimento nas universidades ocidentalizadas. A conquista de *Al-Andalus* que culminou com uma limpeza-étnica e destruição de memórias devido a queima de bibliotecas e o estabelecimento de um racismo religioso antimourisco. O segundo, a conquista das Américas, por meio da escravização de corpos indígenas e longos anos de colonização como já sabemos, o terceiro a conquista da África e a escravização de africanos nas Américas e por último as mulheres europeias queimadas vivas acusadas de bruxaria, onde saberes ancestrais ligados a Terra foram perdidos. Todas estas formas violentas enfraqueceram os conhecimentos destes povos que tiveram que se reinventar através da oralidade, sincretismos, entre outras estratégias para manterem sua cultura preservada.

Desta forma os genocídios/epistemicídios citados se estruturam na criação de um poder racial e patriarcal num processo de acumulação capitalista.

Quando, no século XVII, Descartes escreveu “penso, logo existo”, em Amsterdã, no “senso comum” de seu tempo, o “Eu” não poderia ser um africano, um indígena, um muçulmano, um judeu ou uma mulher (ocidental ou não ocidental). Todos estes sujeitos eram considerados “inferiores” ao longo da estrutura de poder global, racial e patriarcal e seu conhecimento considerado inferior, resultando nos quatro genocídios/epistemicídios do século XVI. O único ser dotado de uma *episteme* superior era o homem ocidental. Os quatro genocídios/epistemicídios são constitutivos das estruturas epistêmicas racistas/sexistas que produziram um privilégio e uma autoridade para a produção de conhecimento do homem ocidental, com a inferiorização dos demais (GROSFOGUEL, 2016, p.42-43).

Assim, quando nos deparamos com abordagens sobre a África devemos nos atentar com a forma de como ela é contada. Quem a conta? E com qual intuito? Tanto nos escritos como nas imagens fixas encontradas em livros devemos desconstruir estas imagens e estas teorias numa perspectiva africana. A África é o berço das primeiras civilizações, abrigo de



milhares de povos, o que pressupõe muitas escalas de possibilidades em ler e em retratar o continente.

Segundo Chimamanda Ngozi Adichie, escritora nigeriana que usa seu exemplo de vida para destacar o perigo de uma história única quando nos referimos à história africana, é fundamental, conhecer o desconhecido pelo seu próprio olhar, pois, é diferente do que acompanhar o noticiário midiático, que carrega preconceitos, afinal, não há uma única história, conhecer mais histórias é chegar ao paraíso, conclui. Em conferência realizada ao TED (*Technology, Entertainment, Design*), no ano de 2009, Ngozi exemplifica esse “perigo da história única” ser escrita e contada por pessoas “mal-intencionadas”:

Eu acho que essa única história da África vem da literatura ocidental. Então, aqui temos uma citação de um mercador londrino chamado John Locke, que navegou até o oeste da África em 1561 e manteve um fascinante relato de sua viagem. Após referir-se aos negros africanos como bestas que não tem casas, ele escreve: "Eles também são pessoas sem cabeças, que têm sua boca e olhos em seus seios." (...) Eu rio toda vez que leio isso, e alguém deve admirar a imaginação de John Locke. Mas o que é importante sobre sua escrita é que ela representa o início de uma tradição de contar histórias africanas no Ocidente. Uma tradição da África subsaariana como um lugar negativo, de diferenças, de escuridão, de pessoas que, nas palavras do maravilhoso poeta, Rudyard Kipling, são metade demônio, metade criança.

Chimamanda nos ensina a desconfiar de muitas versões que nos foram ou são impostas cotidianamente, tendo como solução a pesquisa, como forma de busca pelo conhecimento real, um caminho de constituir razões que nos permitam afirmar algo. Para tanto, é necessário que pesquisadores se esforcem em romper com as epistemologias que desconsideram o saber milenar dos africanos e dos povos nativos de outras partes do mundo. Ações na área da educação também são fundamentais para este rompimento, todavia, seus agentes devem estarem abertos a descolonização das suas próprias mentes e consequentemente dos currículos.

Um fator importante, nesse sentido, são as motivações proporcionadas pelas produções audiovisuais que possuem a capacidade de produzir novas significações do real, sendo crucial o compromisso destas com o público a que está assistindo, afinal o cinema é um meio de representar, produzir sensibilidades e estabelecer construções sociais. De acordo com Monica Kornis (1992), o cinema tem estreita relação com a História “na medida em que articula ao



contexto histórico e social que o produziu um conjunto de elementos intrínsecos à própria expressão cinematográfica”.

Ainda acerca da influência e do poder do cinema, Aguiar (2017) destaca que “os filmes possuem finalidades ideológicas, políticas e didáticas. Eles sempre serão infiéis à realidade que procuram representar ou discutir e sempre trarão consigo as características da sociedade que os produziu. Além disso, congelam um instante do real e organiza-o de acordo com os interesses e as intenções de profissionais do campo cinematográfico”. Alguns, mais inocentes, podem pensar que estamos entrando numa era que privilegia o protagonismo preto, no entanto, precisamos entender que o espaço geográfico, composto por marcas, desigualdades, atores hegemônicos e enquanto *locus* das relações consumistas, produz este protagonismo preto voltado ao mercado e conseqüente ao seu público consumidor. Seria pretensão absurda achar que o protagonismo preto induzido na mega produção *Marveana* não estivesse dentro de um objetivo capitalista. Lembrando que a direção e criação do enredo de *Black Panther* esteve sob o comando de uma mega produtora norte-americana, a Marvel, que se origina na década de 1930, estrelando a participação de seu primeiro personagem (Pantera negra) de ascendência africana em 1966.

Quando nos voltamos ao Brasil, é muito raro encontrarmos atores e atrizes pretos/as protagonizando papéis livres de estereótipos, o que acaba sendo mais frequente é os vê-los envolvidos em papéis pejorativos, como de traficante, de bandido, doméstica, entre outros. Por toda uma questão patológica, o país não avança em criar novas representações para o/a preto/a brasileiro/a ou mesmo não enxerga o potencial dos/as negros/as como mercado. Em contrapartida ao que é passado no Brasil, o filme *Black Panther*, acaba rompendo com essa visão, além de favorecer a questão da representatividade ao público preto/a.

Dentre os muitos simbolismos que marcaram uma das maiores produções do universo Marvel, destaca-se o território de *Wakanda*. A espacialidade contida no cenário remete diretamente à África, ascendendo a curiosidade sobre o continente berço da humanidade, Carlos Moore (2005) destaca alguns dados a respeito da Geografia africana, segundo ele, a extensão territorial do continente equivale a 20% da superfície sólida da Terra, com uma topografia variada, habitada por grandes savanas, vastas regiões desérticas, altiplanos, planícies, regiões montanhosas e imensas florestas. Além de abrigar a convivência de mais de



2000 povos, é a mais longa ocupação humana de que se tem conhecimento (2 a 3 milhões de anos, aproximadamente) e, conseqüentemente, há a complexidade dos fluxos e refluxos migratórios populacionais. Isto evidencia o quanto é complexa a diversidade territorial do território.

Sobretudo, apesar de todos estes dados, o que ficamos sabendo nos livros didáticos e em meios midiáticos é basicamente que, na África há miséria, guerras ou conflitos tribais, quando são não mais que disputas pelo poder político e econômico. Logo, conflitos, disputas e situações vulneráveis existem em vários países do mundo. Daí parte a grande frustração quando nos deparamos com materiais pedagógicos e notícias relacionadas ao continente: a imagem dos africanos subjugadas e pejorativas limitadas a estes assuntos.

Em uma matéria do jornal Estado de SP (2018), Danai Guria, atriz que interpreta a general *Okoye* comenta a questão de como a África é subjugada ela, filha de imigrantes do Zimbábue, demonstra muita emoção ao falar do filme:

É importante ver a potência do mundo de onde venho e também perceber como ele é mal representado, como é distorcido (...). O filme é a resposta, é um bálsamo para essas feridas, por celebrar o poder de culturas africanas tão diversas. Quando vou à África, vejo poder, potencial, beleza, recursos, mas eles nunca são exibidos. Mostrar isso numa escala Marvel realmente me conforta.

Nesse sentido, podemos observar que a riqueza espacial da África não nos é transmitida, e há muito tempo nos foi negada, no Brasil, foi necessário lutar - no sentido de combater o eurocentrismo – por uma lei de obrigatoriedade de ensino da História da África e cultura afro-brasileira, a Lei 10.639 de 2003, que deve estar presente no ensino fundamental e médio. Devido a epistemologia ser reconhecida como um conhecimento verdadeiro e, portanto, científico, é um grande desafio para o ensino de Geografia e de História desconstruir o eurocentrismo que está tão enraizado nos próprios saberes científicos.

De acordo com o geógrafo Milton Santos (1996b), estamos vivendo em uma era denominada de técnico-científica e informacional que corresponde aos processos de transformação da natureza e de construção do espaço geográfico, desta maneira, a sétima arte contribui muito para a educação tanto no sentido de ser mais um recurso didático e



pedagógico, como para, no caso deste trabalho, descolonizar olhares sobre a África. O estudo da história do negro no Brasil com o recurso audiovisual de forma planejada e de forma que possa contribuir com o conhecimento histórico do aluno pode ser muito positivo, auxiliando inclusive, ao processo de tomada de consciência, o que Fanon (2008) reconhece como a *desalienação* do negro.

As tecnologias, por esse viés, não são de tudo ruim, elas podem provocar efetivas mudanças na sociedade, indo contra o *status quo*. Devido ao advento do período técnico-científico-informacional (SANTOS, 1996b), os/as alunos/as, cada vez mais permeados por linguagens virtuais, podem adquirir preconceitos em relação aos filmes que abordam a imagem do negro brasileiro, o que acaba afetando seu imaginário, sendo uma tarefa árdua ao professor que tenta dialogar com eles assuntos sobre a realidade do país.

Tendo em vista o poder que os historiadores, sociólogos, antropólogos, geógrafos entre outros profissionais têm de moldar a História que nos é contada, o recurso audiovisual na escola permite estabelecer a construção e a desconstrução de ideias entre professores e alunos, todavia, corroborando com Sidney F. Leite (2003) é necessário o uso de filmes na educação escolar como um elo para repensar a relação professor(a)-conteúdo-aluno(a) a fim de possibilitar a elaboração democrática do saber sistematizado (LEITE, 2003).

Neste sentido, podemos pensar que desconstruções e reconstruções acerca de imaginários acerca do corpo negro, indígena, entre outros grupos que foram marcadamente estereotipados - não só nas produções audiovisuais mas também nas mídias, nas literaturas, entre outros meios de difusão -, são necessárias ações na formação e no engajamento das diretrizes curriculares, nos projetos político pedagógicos das escolas e no trabalho-ação docente para afim de se cumprir uma equidade racial na educação básica. Muitas são demandas que ainda precisam ser construídas e institucionalizadas nas escolas.



Referências

- ADCHIE, C. N. **Americanah**. Tradução Julia Romeu. 1 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.
- AGUIAR, A.B. O negro no cinema brasileiro: uma reflexão sobre as possibilidades metodológicas da incorporação do cinema no ensino de história e cultura afrobrasileira. **EBR – Educação Básica Revista**, vol.3, n.1, 2017.
- ANJOS, Rafael Sanzio Araujo dos. Geografia, Cartografia e o Brasil africano: Algumas Representações. São Paulo: **Revista do Departamento de Geografia – USP**, Volume Especial Cartogeo (2014), p. 332-350.
- ARROYO, Miguel. **Currículo, território em disputa**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.
- CIRQUEIRA, Diogo Marçal. Inscrições da Racialidade no Pensamento Geográfico (1880-1930). Niterói: [s.n.]. **Tese** (Doutorado em Geografia) – Universidade Federal Fluminense, 2015.
- DEMO, Pedro. **Pesquisa: Princípio Científico Educativo**. São Paulo: Cortez, 1997a.
- FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. 2ª ed. (trad. De Renato da Silveira). Salvador: EDUFBA, 2008.
- GOMES, Nilma Lino. Descolonização dos Currículos. **Currículo sem Fronteiras**, v.12, n.1, pp. 98-109, Jan/Abr 2012. ISSN 1645-1384 (online) www.curriculosemfronteiras.org.
- GROSGOUEL, Ramón. A estrutura do conhecimento nas universidades ocidentalizadas: racismo/sexismo epistêmico e os quatro genocídios/epistemicídios do longo século XVI. **Sociedade e Estado**. vol.31 no.1 Brasília Jan./Apr. 2016.
- HALL, Stuart. **Da Diáspora: Identidades e Mediações Culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da Unesco no Brasil, 2003.
- HARAWAY, D. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**, 2009.
- KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Rio de Janeiro: Cobogá, 2019.
- KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Cia das Letras, 2019.
- KORNIS, Mônica A. História e Cinema: um debate metodológico. **Estudos Históricos** (Rio de Janeiro), Rio de Janeiro, v. 5, n.10, p. 237-250, 1992. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/1940/1079>>. Acesso em: 14 nov. 2016.
- LEITE, Sidney Ferreira. **O cinema manipula a realidade?** São Paulo: Paulus, 2003.
- MBEMBE, Achille. **Crítica da Razão Negra**. Lisboa: Editora Antígona, 2014.
- MBEMBE, Achille. **Poder brutal, resistência visceral**. São Paulo: N1Edições, 2018.



MOBAÇA, Jota. **Notas estratégicas quanto aos usos políticos do conceito de lugar de fala.** Disponível em <<https://www.buala.org/pt/corpo/notas-estrategicas-quanto-aos-usos-politicos-do-conceito-de-lugar-de-fala>>. Acesso em 23/05/2020

MOBAÇA, Jota. **Pode um cu mestiço falar?** Disponível em <<https://medium.com/@jotamombaca/pode-um-cu-mestico-falar-e915ed9c61ee>> Acesso em 23/05/2020

MUNANGA, Kabengele. Por que ensinar a história da África e do negro no Brasil de hoje? **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, Brasil, n. 62, p. 20–31, dez. 2015.

MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: Identidade nacional versus identidade negra.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

MUNANGA, Kabengele. **Superando o racismo na escola.** 2ª ed. Revisada. [Brasília] Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

RIBEIRO, Djamila. É recorrente que as pessoas queiram que eu responda a falácias. **Folha de SP.** 27.dez.2019.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço.** São Paulo: Hucitec, 1996b.

SANTOS, Milton. **Espaço e Método.** São Paulo: Edusp, 2014.

SANTOS, Milton. **O espaço dividido: os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos.** Trad. Myrna T.R. Viana. São Paulo: EDUSP, 2004 [1979]. 433 p.

SANTOS, Milton. O Espaço Geográfico Como Categoria Filosófica. **Revista Terra Livre**, nº5. São Paulo: AGB, 1988.

SANTOS, Milton. **Pensando no Espaço do homem.** 4.ed. São Paulo. Huciteq, 1997

SANTOS, Milton. **Por uma Geografia Nova: da crítica da Geografia a uma Geografia Crítica.** 3ª edição. São Paulo: HUCITEC, 1986.

SANTOS, Renato Emerson dos. A Lei 10.639 e o Ensino de Geografia: Construindo uma agenda de pesquisa-ação. **Revista Tamoios.** Ano VII. Nº1, 2011.

WEDEBURN, Carlos Moore. Novas bases para o ensino de História da África no Brasil. In: WEDEBURN, Carlos Moore. **Educação antirracista: caminhos abertos pela Lei nº 10.639/2003.** Brasília: SECAD-MEC, 2005, pp. 133-166.



This work is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).



Este trabalho está licenciado com uma Licença [Creative Commons - Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Artigo recebido para publicação em: 25 de maio de 2020.

Artigo aprovado para publicação em: 06 de junho de 2020.